

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--10 de Janeiro--1929

5 LOS LÓES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **138**

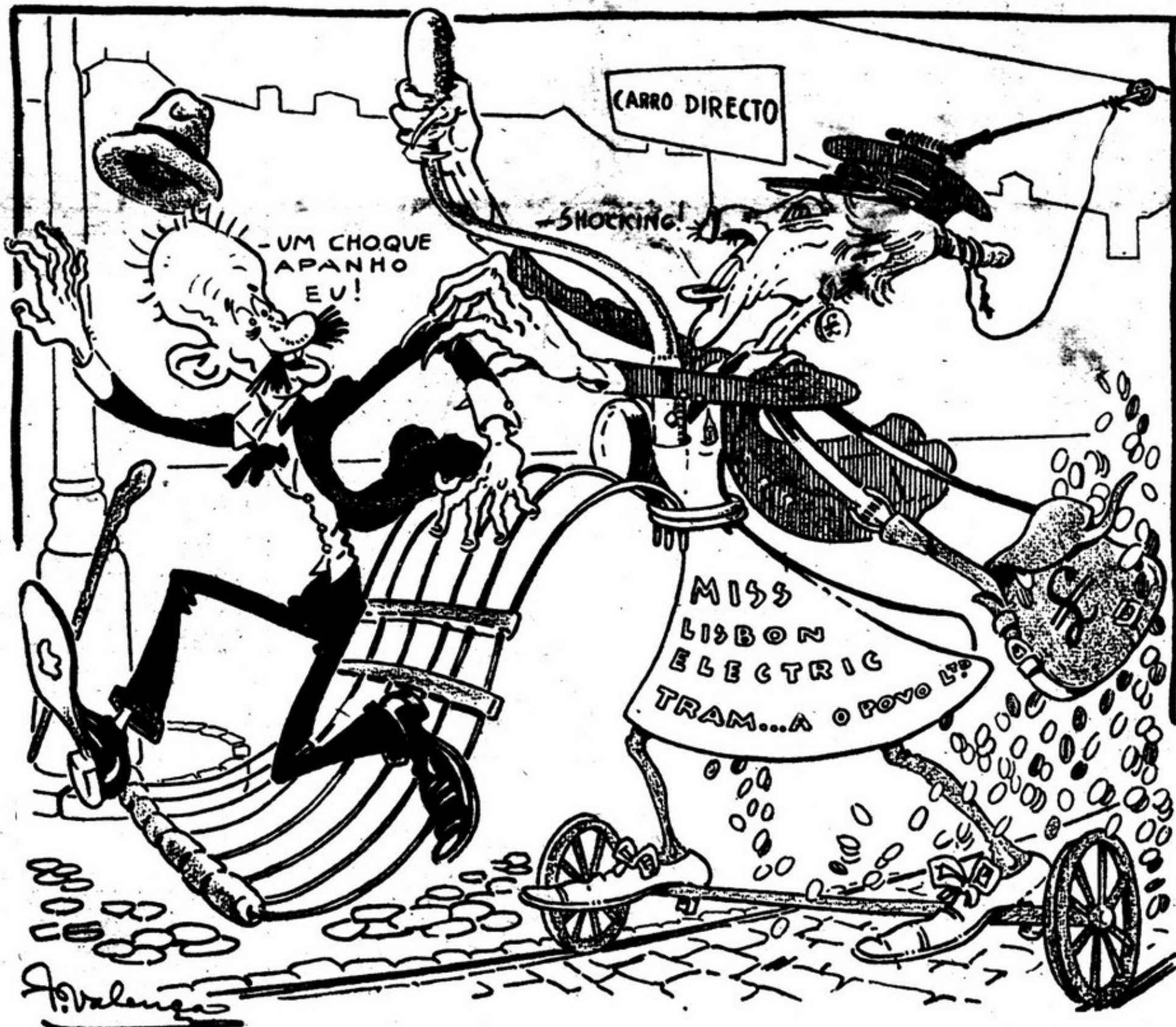
**five** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**"God save the... pounds,"**  
ou «Dieu et mon droit»... de explorar o Zé



A «miss», doida por «massa», desde que o transito se faz pela direita, passou a fazer-se «esquerda», supprimindo carreiras e fazendo o que lhe apetece. Chama ao Zé «The best public of the world. Bem besta, dizemos nós: esche-lhe a burra e não berra!





## Os ditos da semana



**Boas festas** Acabou-se o Natal, passou o Ano Bom, já lá vae o dia de Reis e ainda zumbe aos nossos ouvidos, como um estribilho de maus presagios, a mesma fraze monotona, a força de repetida:—boas festas... boas festas... boas festas...

E basta-nos semi-cerrar os olhos, para vér uma mão em concha estendida para nós, acompanhando o estribilho: —boas festas... boas festas.

E assim temos o prazer de verificar, todos os anos, que metade da humanidade espera ansiosamente pelo Natal para nos significar os seus bons desejos pela nossa felicidade, comtanto que lhe depositemos na mão o nosso comovido agradecimento, sob a forma de uma nota de banco.

E nós que não sabemos que tínhamos tantos amigos...

Nesta época do ano, como em nenhuma outra, é que se verifica bem as desigualdades humanas, e se sente como é diferente a condição de cada um neste mundo, desigualdade tão manifesta que as mesmas palavras, as mesmas palavras, sem tirar nem pôr—boas festas... boas festas, servem ao nosso creado, ao nosso barbeiro e ao carteiro da nossa rua para receber e a nós só nós servem para pagar.

E ainda dizem que Deus é igual para todos.

**Kotel monumental!** Lisboa vae ter um grande Hotel, um grandioso hotel, que ha-de ser a ultima palavra em conforto e bom gosto, um hotel onde cada qual se não sentirá como em sua casa, um hotel que dará a impressão do Paraiso, com uma meza tão rica e tão farta que a indigestão ha-de ser obrigatoria. Ali, até o caldo verde vae ser feito com assucar pilé, as batatas fritas enfeitadas com cravos de Nice e as pernas des perus ornamentadas com pulseiras de brilhantes.

Finalmente vamos ter a ilusão de que vivemos num paiz civilisado e que a Europa entrou: sob a forma de creado de meza, no Parque Eduardo VII. E a Camara Municipal encontrará finalmente uma applicação a dar ao lago da entrada:—alguidar para lavar a loiça dos mil hospedes que virão a Lisboa beber o nosso sol, a nossa agua, o nosso vinho e beber as ares por nós, quando tiverem de pagar,

com lingua de palmo, o que comeram com lingua de seis centímetros.

Então, todos nós, muito portuguezinhos e muito valentes, acrescentaremos ás nossas glorias do passado, a conquista da India e á descoberta do Brazil, o Hotel do Parque Eduardo VII.

Arquitetonicamente o edificio será elegante, sumptuoso e pratico, com largas varandas e terraços ameidados para o lado do Parque, em chapa de aço de 5 polgadas, e com amplas e profundas caves para quando apertarem os calores,

**O frio** O termometro perdeu a tineta. Desceu, desceu, como um louco e já chegou abaixo de zero, que é a

maior vergonha porque pode passar um termometro que se preza, um termometro que tem vergonha na cara de mercurio e se ainda conserva a coluna direita, sem subserviencia perante o frio, é porque tem uma escora de madeira nas costas.

**Grupos excursionistas** A Gazeta das Caldas recolheu pacientemente os nomes de todos os grupos excursionistas que visitaram aquela cidade, e com o natural orgulho de quem vê a sua terra tão procurada, publicou-os num dos seus ultimos numeros.

São eles:

Os Lutadores pela Trincadeira, Os Pechinchas, Os Carquejas, Os Palht-

nhas, Os Dezolto da Rabeca, Os Eugénios, Os Glorias, Os Solidarios, Os Rambolias, Os Ferra o Bico, Os Barrigas, Os Luzos, Os Azelhas, Os Traquinas, Os Gargantas, Os Digestivos, Os Encravados, Os Brancos, Os Lisos, Os Dedicados Amigos, Os Aguias, Os Moscas, Os Quarenta, Os Gatinhas, Os Seis Pucaras, Os Dez Irmãos, Os Azes da Trincadeira, Os Decentes, Os da Horta dos Doutores, Os Bem Entendidos, Os Doze Viroscas, Os XX Sominés, Os Bons Amigos, Os Pinguinhas, Os Cãttas, Os Onze Cachimbos, Os Minorcas, Os Choras, Os Tais, Os Nove, Os Os Olarilas, Os Minanças, Os Tunas, Os Caretas, Os Dez Comilões, Os Seis Leais Amigos, Os Dez Perdidos, Os Fixes, Os do Copinho, Os Passarões, Os do Serido, Os do Trombone, Os Maçaricos do Bico, Os Carinhas Direitas, Os Patuscos, A União dos Desunidos, Os Barões do Casco e A Alta Jerarquia.

E' preciso que o Deus Baco ainda tenha uma prodigiosa legião de adoradores na Terra para que tão longe possa ir a fantasia. Todos estes «Aguias», «Lizos», «Luzos», «Pinguinhas», «Barões do Casco», etc., são, no fundo, um unico grupo—o grupo de «Os do copinho» da mais «Alta Jerarquia», mais ou menos «Digestivos», mais ou menos «Ramboias», que vivem «Bem entendidos» e «Fixes», como «Bons amigos», na obra gloriosa de «Ferra o Bico».

**Actualidades** Vem ai um novo colega. Anuncia-se para o dia 13 do corrente e traz á cabeça o nome de trez camaradas—Americo Covões, Julião Quintinha e Pinto Quartin.

Publicar-se-ha ao domingo, dia de descanso, para que ninguém possa dar a desculpa de ter muito que fazer para o não ler. Dirá o que se passa neste mundo e no outro. Contará o que já se passou e o que está para se passar, o que vae pela lua e pelo interior da terra, os espirros que der o imperador do Japão e o numero da sorte grande. E' exactamente por prevér o futuro que o jornal se chama «Actualidades» tão actuaes que até anda adeantado.

O Sempre Fixe faz votos porque o novo colega tenha larga e prospera vida, que nascendo pequeno como um Pinto Quartin se transforme num galo com esporões, que faça tantos lucros que possa adquirir, pelo menos, uma quintinha onde cave na vinha do senhor e que nunca lhe seja preciso o apelido do seu director.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

## Dr. Vasco Borges



Antigo ministro, apesar de novo. Magistrado jovem, com a moderação de um velho.

Nas suas mãos a 3.ª vara do Tribunal do Comercio será vara que não verge, inflexivel como o seu caracter de rija tempera.

Na posse do novo juiz não houve discursos nem fotografias. Para quê? O que nesse acto «falou» bem alto foi o limpo passado de S. Ex.ª, e do seu talento abundam as mais fotograficas e nitidas «provas».

FUMES SUNRIPE



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

**LINO FERREIRA**



Um auctor, um dos «Onze de Portugal» que fazem revistas...

que o publico e o empresario abrem-lhe os braços!

A critica disse as ultimas do «Domador de Sogras»... E a peça pegou...

A critica disse o melhor possivel de «O demonio» de R. C. e a peça mal se aguentou... A razão?

Façam boas peças e deixem-se de atacar o teatro estrangeiro!

NO T. M. V. estreou-se, ha dias, um quadro com que foi ampliada a re-

### O FRIO



Bailarinas de revista ou carne da perna... congelada

O ALMOÇO dramático... Dramático? Foi quasi tragico! Todos os discursos afinaram neste diapason: «Pelo teatro português, contra o teatro espanhol e francês!» Talvez os nossos homens de teatro desconheçam que tiveram um colega, autor dramático, ai por 1700, de nome Simão Machado e que se lhe atribue este riquissimo terceto:

*Esta nação portuguesa  
O nada estrangeiro estima  
O muito dos seus despreza.*

Em 1700 já se chorava assim! Em 1928, depois dum regular almoço, em salão repleto de ouro velho e de telas magnificas, o que se havia de dizer?

Protecção ao teatro nacional! Protecção ao nosso dramaturgo! Protecção ao original português! Muito bem. Onde está o teatro português? Quais as peças que nos tem dado os nossos autores dramaticos ha anos a esta parte? R. C. e mais R. C.! Chega a fazer três por epoca. Todas se representam e todas tem chegado á 15.ª!

O A. C., uma por ano, quando faz, e tem vencido.

Os outros? Onde estão eles? Onde estão as peças do J. C. de O. e do F. L.? Do V. M. A. P. Do C. S.? E de tantos outros? Onde estão?

Qual foi o dramaturgo que, sabendo da existencia dum actor como o A. da C., já escreveu para ele uma peça? Ainda não lh'a levaram... e ele está á espera...

Deitando um pouco abaixo a nossa modesta biblioteca, vemos ao acaso que, em Fevereiro de 1895 — eramos de colo — estavam em scena, nos teatros de Lisboa, quatro originaes. Vejamos:

**NO D. MARIA II** — «O velho tema», 5 actos de Marcelino Mesquita, com Brazão, João Rosa, Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Augusto de Melo, Virginia, Emilia Lopes, Maria Falcão, Augusta Cordeiro, Carolina Falco e outros.

**NO GIMNASIO** — «Lição cruel», 3 actos de Pinheiro Chagas, com Vale, Cardoso, Silva Pereira, Jesuina Saraiva, Beatriz, Barbara e outros.

**NO RUA DOS CONDES** — «Asmodeu», 4 actos em verso de Cesar de Lacerda, com Carlos Posser, Luis Pinto, Seta da Silva, Fernando Maya, Ana Pereira, Amelia Vieira, Lucinda do Carmo e outros.

**NO PRINCIPE REAL** — «Herança do Odio», 5 actos de Eugenio da Silveira, com Gil, Pato Moniz, Adalina Abrantes, Elvira Costa e outros.

Quatro originaes num mês! E agora? Porque não se representam? Porque não os ha...

E os que aparecem... são o que se tem visto!...

Façam boas peças que se possam comparar — um pouco que seja — ás obras modernas, com vida, com nervo, com movimento, que nenhum empresario teme pô-las em scena!

Façam bom teatro, que os empresarios pegam-lhe... O publico é que talvez não!... Mas isso é com eles!

As culpas atribuem-se, em parte, ao critico! Como se o critico tivesse, no dizer bem ou mal, responsabilidade sobre a carreira da obra...

Podiamos apontar casos de benevolencia excessiva por bar. la da critica e o publico é que não tem nenhuma... quando chega a vez de se pronunciar...

Porque não foi o publico vêr a tragedia «Castro»? E' bem portuguesa e estava ricamente posta em scena! Expliquem os dramaturgos...

Façam boas peças! Façam boas peças! Com boa graça e com interesse

vista «Ramboia». Tem figurinos bonitos do J. B. e a nossa H. L. ofereceu-nos mais um *travesti* — «O deltagalos».

A' saída do teatro, preguntámos a um nosso amigo:

— Então, que tal?

— Bem. A H. L. deitou mais um gato na revista...

LEMOS numa secção teatral:

«allegressou das suas propriedades, em Aljubarrota, o escritor teatral L. R.»

Não lhes dá a impressão de que o Condestavel regressou da batalha?

ENTRE os poucos cartões de boas-festas, recebemos um que merece registo. E' o da nossa A. de O., que regressou ha pouco de Terras de Santa Cruz e diz a meio:

«... peço desculpa de não ir pessoalmente, mas fui recebida pela «D. Grippe», de braços abertos...»

Cá a esperamos, tambem de braços abertos, para lhe agradecermos o que muitas — quasi todas as suas colegas — não fizeram...

ANTES do almoço dramático, houve fotografias em barda... Na escada, antes de sentar á mesa, já sentados, etc.

O C. R. — humorista retirado das lides — disse para o grupo que o rodeava:

— Este almoço, afinal, é de chapa.

O TEMPO vai mau e ha por ai mais gente doente... do que cocotes pelo Chiado, ás 6 horas...

Nos teatros não ha *chauffage*, nem para artistas, nem para espectadores...

Assim, ali no T. V., os artistas vão adoecendo — pouco a pouco — e anda-se num corripio de substituições que *corrripia* a gente...

Na *caixa*, as «desgraçadinhas», que andam quasi como a Mãe Eva ao levantar da cama... tem mesmo uma *friagem central* que faz dó...

MAL desabe o carnaval... desabam algumas companhias...

O publico não permite que elas continuem. Tem-nas favorecido com a sua ausencia! O publico, verdade seja, que lá tem as suas razões! Prefere o cinema... A's escuras encontra-se melhor casamento... As mães que o digam...

NAO resistimos... O Natal dos teatros franceses!... Vamos publicar algumas receitas do que fizeram varios teatros de Paris, em francos:

Opera, 165.999; Opera-Comica, 57.585; Comedia Francesa, 47.500; Casino, 117.669; Moulin, 88.263; Folies, 71.006; Palace, 45.546; Mogador, 69.150; Marigny, 63.725; Varietés, 67.271; Palais-Royal, 33.979; Athenée, 39.418; Eduardo VII, 39.009; etc., etc.

Em Lisboa — a maioria não esgotou! E' triste!

O Homem das 5 horas

SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Salar d'Alegria.



# Elevador da Gloria LISBOA --- Cidade de marmore e Granito

## BOM HUMOR.

Josias encontra-se com Isaias e diz-lhe:

— Sabes que minha filha casa-se amanhã...  
 — Os meus parabens.  
 — E sabes que me comprometi a dotá-la com dez contos...  
 — Não os tens?  
 — Não, se tu m'os emprestasses...  
 — Não posso, homem! Acabo de fazer um pagamento e estou sem nenhum... Mas queres um conselho?  
 — Diz lá.  
 — Quando os noivos vierem da igreja, colocas dez notas de quinhentos escudos na frente dum espelho... Julgarão que são vinte...  
 Josias, coçando a cabeça:  
 — Já pensei nisso, mas infelizmente só tenho o espelho.

Abraão e Cohen haviam comprado no mesmo dia dois magníficos leques. Um ano depois encontram-se, num dia sufocante de verão. O leque de Abraão estava todo estragado e o de Cohen novinho em folha.

Diz o primeiro:  
— Como se explica que, tendo nós comprado os leques no mesmo dia, o meu esteja estragado e o teu ainda bom?

— Muito simples — responde Cohen — E' que tu andas com ele dum lado para o outro, para te abanares, ao passo que eu, em vez de mexer o leque, mexo a cabeça...

Num opulento banquete em casa de Morgan, um judeu de bom coração levanta-se e lembra:

— Meus irmãos e irmãs. No meio desta alegria e desta abundancia, não nos devemos esquecer dos pobres. Peço-vos que griteis comigo: «Vivam os pobres!»

Um individuo conhecido pela sua avareza foi consultar o medico. Este, depois de o ter observado escrupulosamente, disse-lhe que era necessario fazer uma analise ás urinas.

No outro dia, o medico recebeu quatro litros de urina. Quando o avarento voltou, o clinico disse-lhe os resultados da analise: «Nada de anormal. Não tem vestígios de albumina».

E o cliente:  
— Dá licença de falar ao telefone?  
— Sim, senhor.  
— 'stás lá? 'stás lá? Olha, Maria! Nem eu, nem tu, nem as creanças temos nada nas urinas...

— O casamento que te arranjei é magnífico! Soberbo!  
— E ela tem alguma coisa?  
— Como?  
— Se leva algum dote?  
— Cincoenta contos, se o pai não falir.  
— E se falir?  
— Parece parvo. Se ele falir, serás cem contos.



Boa assistencia só no Solar d'Alegria.



— Papá, não se esqueça de comprar o Toddy que tão bem me faz. Disse o senhor doutor que Toddy me torna as carnes rijas e os musculos fortes e eu quero ir jogar para o Bemfica.

## o Porto cidade de Granito

Entre o Porto e Lisboa é notorio que houve sempre uma certa rivalidade. O Porto, mais pelo seu bairrismo em excesso (o que não lhe leva a mal) do que propria e intimamente por não possuir determinadas coisas identicas ás de Lisboa, mas pelas quais se esforça, fazendo-as surgir si milares como por encanto.

Dizia um tripeiro a um alfacinha: «— Vocês teem o Rossio; ele será grande, mas o vosso D. Pedro está de pé e nós lá tomo-lo a cavallo. Vocês teem uma estação com um tunel e vai nós já temos um, mas com dois tuneis. As Encomendas Postais tiveram-nas vocês no circo da rua da Palma e nós ainda as temos no circo de Passos Manoel... Vocês teem a Avenida da Liberdade, essa grandiosa arteria levada a cabo pelo saudoso pasteleiro Rosa Araujo, o inventor dos Cocos. E o que fazemos nós? Continuamos a admirar a vossa Avenida, mas a conquista dos cocos é nossa! — O Porto, hoje, é o seu centro de fabrico. Até aqui, e mesmo em materia de doces, estamos por cima.

«Quem tem transito para os sinaleiros? Evidentemente é Lisboa, mas os primeiros começaram no Porto; os vossos carros electricos serão modelares, mas, meu amigo, os primeiros foi o Porto que os deu á luz!»

Assim dialogava o tripeiro com uma certa razão, quando era interrompido pelo alfacinha, que lhe largava, de vez em quando, um justificativo mas...

— Não ha mas nem meio mas... Vocês teem um rio e... aonde é que está a ponte?

— Mas...  
— Nós, aqui, temos uns nabos de nomeada — os de S. Cosme e vocês

o que fizeram? Encheram Lisboa de nabos luminosos hirtos na rama. Olhem para aquela Avenida, Rossio e Baixa. Até lá se encontram com duas cabeças!...

«Lisboa, cidade de marmore e granito?!... Tira lá o cavallo da chuva... De marmore, pode ser, mas de granito, peço meças... O granito é nosso. E o tripeiro continuou:

«— Lisboa é uma cidade desarrumada. Vocês teem o S. Pedro d'Alcantara; puzeram-no no Bairro Alto a olhar para a Misericordia, e o nosso S. Pedro da Cova lá está no seu lugar, fazendo cada vez a cova maior para nos dar o agasalho com o seu carvão e a aumentar a energia electrica do Severiano...

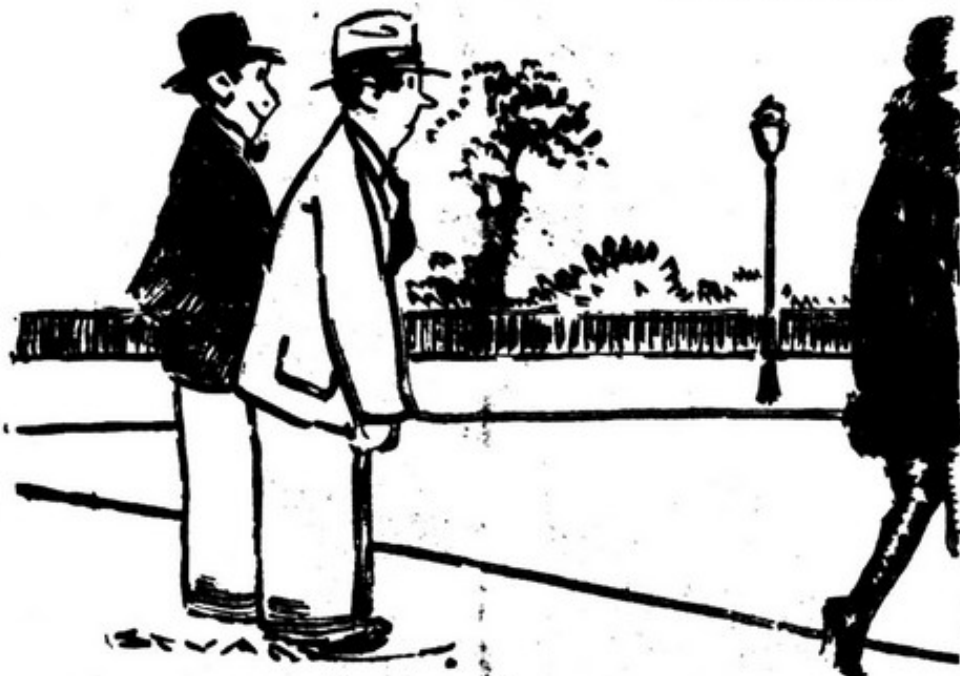
O alfacinha, que até á data estava por baixo, largou um mas mais forte e convincente e largou-lhe esta:

«— Olhe lá. E Rilhafoles? Responda. O vosso Conde de Ferreira será maior do que Rilhafoles? E ainda mais: Você já ouviu falar numa vila dentro de Lisboa que se chama o Manicomio Miguel Bombarda? Pois poucos hotéis ha no mundo que comportem mais camas do que aquela Babilonia. Ao pé dela, o Conde de Ferreira não passa de uma pequena enfermaria... E os ministerios? Vocês, lá no Porto, teem ministerios?»

(O tripeiro embateu...) «Portanto, deixe-me cá você com o meu marmore porque, quando quiser granito, mando-o vir de Evora, que é mais estomacal...

E, com estes argumentos, o tripeiro calou-se e disse de si para si:  
— Com o Manicomio e os ministerios é que tu me tramaste.

Reporter B.



— Quem é aquela senhora á quem tu falaste e tem uma cara tão corada?  
— E' uma senhora que tem o Beponema palido!



— Ajudemos este barbeiro, tem tantas bocas a sustentar...  
— Mas ele só tem um filho.  
— E a navalha?

— ... Pois esse bandido, logo que se casou com minha filha, peijorne dez contos de réis...  
— E já lhe devolveu alguma coisa?  
— Sim — a mulher!...

O policia: — Este banco foi pintado de fresco. Olhe que se suja.

O boêmio: — Não importa! O fato é da mesma cor da pintura e a calça já está distingida no assento...

— O senhor é o homem que ontem me deu uma bofetada?  
— Não, senhor.  
— Não é?  
— Já lhe disse que não!  
— Então quem é?  
— O homem que hoje lhe vai dar outra!...

Ela: — A tua familia preocupa-se muito contigo, Bazilio?

Ele: — Oh! terrivelmente! Todos os dias me espera em casa á hora do almoço...

O medico: — Deste três gotas deste remedio num copo de agua.  
A nova-rica: — Sr. doutor! Os meus meios de fortuna permitem-me utilizar o «champagne»...

No momento das despedidas:  
— Lamento que o sr. João se vá embora tão cedo desta sua casa! E sua mulher?  
— Tem que vir comigo tambem. Creia que sinto muito...

— Espero uma visita, Joanito. E' preciso que laves hoje bem a cara.  
— E se a visita não vem...

Joanito: — A minha mãe deve ser muito velha.  
A creada: — Não, menino. Tem vinte e cinco anos. Mas porque pergunta?  
Joanito: — Como a tenho ha tanto tempo...

— Que diz sua mulher quando o senhor vai tarde para casa?  
— Eu não sou casado!  
— Então porque vai tão tarde?...

— Sua mulher?  
— Morreu num incendio.  
— Queimada?  
— Não, afogada! Os bombeiros chegaram a tempo...

Carmen: — Paris é uma recordação penosa para minha tia.  
A amiga: — Porquê?  
Carmen: — E' que ela pensava ir ali passar a lua de mel se tivesse casado...



— Qual é a sua profissão?  
— Embalsamador... para servir V. Ex.ª.



## Riso amarelo

Dos anuncios dos jornais:

«Unica casa nesta especialidade, que exclusivamente só confecciona este artigo.»

Outra, no mesmo genero:

«A comissão organizadora, no intuito de conseguir uma rigorosa selecção na assistencia, só venderá bilhetes á entrada do Club, exclusivamente ás pessoas munidas do respectivo cartão de admissoão que se adquire na sede do mesmo Club.»

Mas que grande confusão...  
E esta prosa apimentada que parece do antigo Pimpão:

«Manucure: para cavalheiro, sistema francês. Mademoiselle X., rua Y, das 19 ás 21.»

Mais uma amostra de prosa-charada:

«Pela sua superior qualidade, poderíamos garanti-la eternamente de graça, mas preferimos vendê-la pelo seu valor real a exagerar enormemente o seu preço em troca de tal garantia.»

Perceberam? Mas ha melhor:

«Previne-se o publico que acata de sair uma publicação extraída deste romance, mas apenas com algum texto para explicação das gravuras. Assim, todas as pessas ilustradas e apreciadoras de livros não trocarão o romance pelo opusculo.»

E este conselho:

«Sejais economicos fazendo durar os vossos fatos!»

Como tipo de transigencia, homérica e ironica:

«Carteira — Pede-se á pessoa que a achou o favor de a enviar pelo correio, com os documentos, para fulano, praça de tal, podendo ficar, caso queira, com o dinheiro (aliás umas boas brôas).»

Nesta quadra do ano quem não ha de querer ficar com as boas brôas?

E o Nacional anunciando «a celebre peça de Hoyós»...

Eiroz, eiroz...

Enfim, são ás duzias os anuncios humoristicos, não falando nos muitos anuncios dirigidos aos «semfillistas»...



(O suicida, após ter ingerido o conteúdo duma caixa de fósforos: — Que cabeça a minha! Como posso agora acender o último cigarro?)

YUMI SUNRIPE

## Se me soubesse a sorte grande...

No meu catalogo de emoções violentas, desastrosas e aborrecidas, figura, desde ha muito, o terror de ser contemplado com um premio da lotaria. Este terror é tão grande que, devido a ele, deixei de beber vinho, aguardente e outros ingredientes, com receio de que, sob a acção do alcool, me desse na cabeça de comprar jogo e ali estava eu a contas com uma verdadeira catastrophe financeira. Porque eu tenho um exemplo desses, na minha vida.

Foi ha cinco anos. Eu era muito amigo do Felizardo. Como era muito amigo, uma vez emprestei-lhe quinhentos escudos até ao dia seguinte, e, naturalmente, perdi o dinheiro e perdi o amigo. Passados três anos sobre este escuro facto, o Felizardo, que era felizardo a valer, apareceu-me de surpresa, obrigou-me a jantar com ele, a proclamá-lo o maior dos meus amigos, e, ao toast, conta-me, pedindo-me o maximo segredo, que tinha recebido uns dinheiros e que, portanto, satisfaria a sua divida.

Fiquei, naturalmente, radiante e, quando nos despedimos, mal acreditava no regresso dos quinhentos escudos, tão... prodigos.

Longe estava eu de saber o que ia custar esse regresso. No dia seguinte, ás 8 horas da manhã, apareceu-me um empregado do alfaiate com uma carta, para que eu saldasse a conta do meu fato e acrescentava: «Como V. Ex.ª recebeu do Felizardo, achamos conveniente...»

Não quiz amargar a alegria da posse dos quinhentos escudos e mandei ao meu alfaiate duas prestações para descontar ás seis que lhe devia.

Uma hora depois, era o proprio do-

no de uma pensão, cuja morada já me havia esquecido. «Como eu tinha recebido do Felizardo» e nova sangria, á qual não me foi possível fugir.

De toda a parte me surgiram dividas e individuos apelando para o meu espirito de justiça e de humanidade, sempre agarrados a esta logica tremenda: «Como você recebeu do Felizardo».

Quando chegou o decimo pretendente, ainda ousei recalcitrar:

— Mas o que eu recebi do Felizardo não chega para nada...

— Bem... Pague-me só a mim, ou o senhor terá agora a coragem de se negar a pagar?

Está claro que não tive.

Quando me apareceram velhos amigos, abanando as minhas convicções e a minha camaradagem, não pude deixar de ceder.

Desde que eu tinha recebido do Felizardo, eu não tinha o direito de me negar a um auxilio.

Está claro. O dinheiro não é elastico. Os quinhentos escudos voaram, mas as dividas, os amigos é que não se convenceram. Eu tinha recebido do Felizardo e, portanto, que pagasse, que attendesse. Dos quinhentos escudos, não gastei um centavo comigo.

Para atender a todos os importunos, ainda puz dinheiro do meu bolso e, por fim, ainda muitos amigos se zangaram comigo porque eu tinha recebido dinheiro do Felizardo e não satisfazia uma pequena importancia, ou não repartia com um compaheiro.

Ora imaginem se me soubesse a sorte grande...



— Então, gostaste da peça?  
— Não. É uma peça de pouco alcance...



## O novo toureiro

Numa pequena cidade de Espanha funcionava uma escola de toureiro, dirigida pelo velho aficionado «El Juanito», da qual era aluno, havia dois anos, Pepe Sanchez, por cognome «El Fuerte», que pelo seu pouco jeito para a lide ainda não conseguira tomar a alternativa. De cada vez que se realizava uma corrida, ia ele pedir ao mestre para nela tomar parte como matador. E em resposta obtinha sempre a mesma negativa, concluida num tom conciliador:

— O meu amigo ainda não está capaz de matar um touro, mas sim de ser morto por ele...

Um dia, o nosso pobre «El Fuerte» tomou a resolução de se informar de qual seria o ponto vulneravel do mestre, para por aí o atacar e apurou que «El Juanito» tinha ficado orfão em tenra idade, motivo pelo qual tinha sido entregue aos cuidados duma tia idosa, que ha pouco falecera, por quem tinha uma profunda veneração. Um pedido feito em seu nome era sempre satisfeito pelo sobrinho.

Realizando-se na semana seguinte uma tourada, «El Fuerte» pediu ao mestre, pela alma da tia, que nesse dia lhe desse a alternativa. «El Juanito» embuchou, mas satisfez o pedido, ficando radiante o impaciente discipulo.

A hora da tourada chegou, e o touro destinado a ser morto pelo novel «diestro» era um prodigio de ferocidade. Dois bandarilheiros e um picador recolheram á enfermaria. Chegada a ocasião de ir para a arena, «El Juanito» entregou-lhe a «muleta» e a espada, dando-lhe na face o beijo da praxe.

Na praça houve um rumor. Do sol só se ouviã gritos que o incitavam. «El Fuerte», tremendo todo, viu o touro enorme lançando chispas de lume pelos olhos, no meio da praça. Avançou, cheio de calafrios, sob o clamor da multidão e, num ultimo suspiro, voltou-se para «El Juanito» e exclamou:

— Mestre, diga lá se quer alguma coisa para a sua tia?...

## Quereis dinheiro?

Jogal no

*Gama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.



— O que estás fazendo nessa posição?

— Não interrompas. Estou precisamente ouvindo o concerto da estação Philips.



## FADO das mãos enregeladas

MOTE

Nesta semana passada,  
O tempo deu um desvio  
E a gente sentiu nos ossos  
Frio, frio, frio, frio.

GLOSAS

I  
Baixou a temperatura,  
O nariz fez-se vermelho  
E o reumatico ao joelho  
Deixou mesmo á dependura.  
Não havia cobertura  
Que não cheirasse a geada,  
A natureza gelada  
Partia os braços á gente,  
Foi um nevão permanente  
Nesta semana passada.

II  
Tudo estava tiritante  
E tudo sabia a neve,  
O calor fazia greve,  
Não existia calmante;  
Parado de instante á instante,  
O coração doentio  
Andava num rodopio  
Sem falar sequer de amor,  
Foi-se o fagueiro calor,  
O tempo deu um desvio.

III  
As cabecinhas dos dedos  
Eram inarmoreos bocados  
E os labios enregelados  
Nem murmuravam segredos;  
O vento pelos fraguados  
Tinha rijos alvoroços,  
Eram montes de destroços  
De uma contextura rara  
Que nos passaram na cara  
E a gente sentiu nos ossos.

Quem nos põe uma fogueira  
Junto dos pés quasi inertes,  
Quem umas brazas solertes  
Nos põe sob a cabeceira?  
Não ha quem desta maneira  
Viva dois dias a fio,  
Antes morrer sem um pio  
Do que este frio aguentar  
Porque ninguem pode estar  
Frio, frio, frio, frio.

Esculapio

## As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.  
Capa e encadernação  
15\$00.

Coleção completa de um  
ano, devidamente enca-  
dernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requi-  
sitados os dois primeiros  
anos.

Para a provincia acresce  
o porte do correio.

## HISTORIA IRRITANTE

O inverno chegara, e *mister* Peter Wirth, como bom americano e bom gastador que era, desembarcou um dia na *Côte d'Azur*, indo hospedar-se no «Negresco», na Promenade des Anglais, em Nice.

A' hora do sol, o nosso homem, passeando pela Promenade, ia deitando os olhos para as mulheres que passavam.

Houve uma que lhe despertou a atenção mais do que nenhuma outra, e o bom do *mister* Wirth, atraindo-lhe uma galanteria no seu francês detestavel, seguiu-a, Promenade fóra, Praça Massena, Avenida da Vitoria.

Vendo-a entrar no Café Royal, entrou tambem. Sentou-se e, a certa altura, quando saboreava o melhor de uma garrafa da esplendida cerveja de Monaco, viu que a mulher saia do café. Pagou generosamente e saiu tambem, precipitado, não fosse a conquista fugir-lhe.

Sempre no seu encaicho, verificou que ela se dirigia para a *gare*. Seguindo-a sempre, meteu-se na *bicha* da estação e, vendo-a comprar um *segunda* para Monte Carlo, adquiriu tambem uma passagem, indo instalar-se no mesmo compartimento.

Mas, porque falava detestavelmente o francês, não teve coragem, *malgré tout*, para se dirigir a ela.

Desembarcados em Monte Carlo, foi instalar-se, porque ela para ali entrara, no Café Paris, onde, por um creado, mandou á mulher dos seus sonhos um bilhete.

E minutos depois, o creado entregava-lhe a resposta.

O diabo é que ele não entendeu o que o bilhete dizia. Pediu então ao *garçon* que lh'o explicasse. Este pega no papel, lê, volta a lê e diz para o americano, um tanto agastado:

— O senhor faz favor de sair imediatamente daqui.

Atrapalhado, corrido, o nosso homem meteu o bilhete na algibeira e, já em Nice, pediu ao gerente do seu hotel para o ler.

Resposta deste:  
— O senhor vai fazer as suas malas e sae imediatamente do hotel.

Intrigado, *mister* Peter Wirth não teve outro remedio senão sair, indo para outro hotel, que na tarde seguinte era obrigado a abandonar depois de ter mostrado o bilhete:

— O senhor sae imediatamente. Deve mesmo abandonar Nice.

Cada vez mais intrigado, o americano, guardando religiosamente o bilhete que a mulher lhe escrevera, comprou uma passagem para Bordeaux.

No comboio, aproveitando o parecer amavel dum companheiro de viagem, deu-lhe o bilhete a ler, porque talvez chegasse a felicidade de descobrir o que ele dizia.

Pronto, o nosso homem viu o tal passageiro dizer-lhe fritoado:

— Tome lá o bilhete... E saia imedi-

atamente daquil Procure outra cabine!

Peter Wirth, cada vez mais intrigado, pedia a todos os santos da corte do céu para lhe descobrirem o misterio daquele bilhete, que por tanta agrura o fazia passar.

E sósinho num compartimento, porque todos fugiam da sua companhia, fez o resto da viagem.

Em Bordeaux, hospedou-se no hotel Clavell, em frente da *gare du Midi*.

O dono do hotel parecia-lhe boa pessoa. Encheu-se de coragem e deu-lhe, por isso, o bilhete a ler.

Destá vez ainda ouviu:  
— O quê?! O senhor saia já daqui. Ora está!

E o nosso infeliz americano, cada vez mais enervado, resolveu seguir para Paris. Ali havia de descobrir o misterio do bilhete!

Desembarcou e, dois dias depois de se ter instalado na *Modern Pension*, da rua Grange Batellière mandou chamar o gerente ao quarto. Precisava que lhe lessem aquele bilhete.

Mas ainda desta vez não foi feliz:  
— Saia imediatamente do hotel! Imediatamente, ouviu?

O nosso homem não sabia já o que fazer. Pensou, pensou, e, por fim, resolveu ir á Prefeitura da Policia. Ali é que se havia de desvendar o misterio.

E foi.  
Disseram-lhe ali:

— O senhor tem de abandonar a França. Tome lá o bilhete.

Peter Wirth seguiu para o Havre. Comprou uma passagem para Nova York; e, cada vez mais intrigado com o estaferno do papel, quando o vapor ia a meio da viagem, chegou-se ao pé do comandante. Contou-lhe a sua historia. Não o haviam de o atirar ao mar...

O comandante pegou no bilhete e, sem respeito algum pela aflicção do nosso homem, diz-lhe:

— O senhor desce imediatamente á sua cabine e não sae de lá antes de chegarmos a Nova York.

O pobre já não sabia o que fazer e, porque tinha que forçosamente obedecer, lá fez o resto da viagem sem sair da cabine.

Ao chegar a Nova York, correu a casa dum amigo:

— Sabes lá o meu martirio! O que eu tenho passado! Segui uma mulher em Nice. Depois escrevi-lhe um bilhete no meu pessimo francês. Ela respondeu. Como não entendia o que ela dizia, pedi que m'o lessem. E sabes lá... Fui corrido em toda a parte.

«Mas tu, agora, é que vai desvendar-me o misterio.

— Socega. Deixa cá vêr o bilhete. Peter Wirth mete a mão no bolso. Momentos volvidos, o outro, tambem já intrigado, volta:

— Então! Deixa vêr o bilhete!

— Perdi-o, homem! — diz Peter Wirth quasi a chorar, desfalecido.

## NO ALJUBE



— Com que então ele já cá esteve!...

## De Caminho de Ferro

O meio de transporte mais usado é o caminho de ferro. Eis, pois, algumas opiniões sobre ele:

Uma Companhia de caminhos de ferro é uma especie de automato. Metese-lhe algumas notas de Banco e, d'ái a pouco, sae um funcionario.

Este objecto compõe-se dum boné de pala, duma farda castanha com botões amarelos e duma corneta ou dum apito.

\*\*\*

Os accidentes de caminho de ferro são extremamente raros. Ha, apenas, em média, trinta ou quarenta por dia.

\*\*\*

Os comboios compõem-se de três classes:

As terceiras, onde se vai horrivelmente mal;

As segundas, onde nunca ha lugar;

As primeiras, que custam tanto dinheiro que as reservam, por isso, para as pessoas que viajam gratuitamente.

\*\*\*

Quando o calor aperta, viaja-se em pilha em todas as classes.

Os passageiros chegam ao fim da viagem horrivelmente machados.

Chama-se a isto, viajar por prazer.

\*\*\*

Em França ha, entre outras, duas especies de compartimentos:

*Fumadores* — a carruagem onde viajam os que gostam de esquecer a vida entre nuvens de fumo... para evitar o fumo irritante da maquina.

*Damas sós* — a carruagem destinada ás senhoras que gostam de viajar acompanhadas.

\*\*\*

Num destes ultimos compartimentos entrou, um dia, o nosso conhecido Tristan Benard, com grande arreliada das três passageiras que nele seguiam, que, por isso, chamaram um empregado para que puzesse fóra o intruso.

— O senhor faz favor de sair. Este compartimento é reservado ás senhoras.

Ao que Tristan Benard replicou, imperturbavel e como que em confidencia:

— Mas... Eu sou Madame Dieulafoy.

\*\*\*

O rapido do Porto havia cinco minutos já que passara em Vila Franca.

Ouviu-se então este dialogo, entre um passageiro e o revisor:

— O rapido só pára no Setil, não é verdade?

— Sim, senhor.

— Ah! Respiro! Muito obrigado.

— Ipi!

— E' que a minha sogra calu á linha perto de Vila Franca!...

**SEMPRE SURRIPE**

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.



— Porque preferes tu as mulheres que se vendem ás que se dão?

— Porque as que se dão custam muito caras.





O que se diz e o que se não deve dizer

# A victoria do Bemfica sobre os hungaros

Viva Portugal!  
Viva Lisboa!  
Viva Bemfica!

Esta triplice manifestação de entusiasmo é a consequencia logica do que diziam as paginas desportivas dos diarios de segunda feira passada: — *Q Ferencvaros foi vencido pelo Bemfica por um bola a zero.*

Para quem viu o *match*, a coisa era um pouquinho diferente. Mas — que diabo! — não ha nada como uma cronicasinha imparcial para nos despertar o *patriotetrismo*...

De resto, os rapazes do *Sport Lisboa* fizeram uma primeira parte maravilhosa e, só por isso, mereciam um abraço bem apertado.

Da segunda parte, não nos lembramos nada do que se passou... porque a prudencia é a mãe de todas as virtudes...

Em resumo: — os hungaros fizeram dois *goals* invalidados e perderam por um *goal* de *penalty*.

Viva a Hungria!  
E viva o Tomás da Costa!

\*\*\*

Diz o *Noticias* que:

«... o *penalty* deu margem a discussões e controversias, ambas as coisas provocadas por uma amorisidade pelos profissionais hungaros que entenece.»

Amorisidade? Será um novo termo tecnico?

E, ainda sobre a victoria do Bemfica, diz o critico ser

«... um resultado digno de en-

*filtrar entre as nossas melhores victorias internacionais.»*

Sim, senhor! Estamos todos de acordo. E a direcção do *Sport Lisboa* vai até mandar colocar uma placa com letrás gravadas a ouro, comemorando o grato acontecimento, sobre as balizas defendidas pelo yugoslavo Siphilis. Será uma autentica placa Siphilitica. Mas, cuidado, não vá o dr. Melo Breyner levar o *penalty* para o Desterro...

\*\*\*

Consociaram-se, ha pouco, uma

## Como é que o Bemfica furou o Siphilis?



Das duas uma: ou os avançados do Bemfica são mais siphiliticos que o Siphilis, ou usaram seringa 914 junto ás redes.

nadadora e um nadador americanos. Pois os noivos Williamson resolveram originalmente o problema do alojamento e convém dar publicidade á sua soluçõ, por causa dos noivos em embaraçõs.

Esses felizes recémcasados, renunciando ás banais *instalações mobiladas*, fixaram a sua residencia no fundo do mar.

Geralmente, é por desespero de amor que os nossos ultimos românticos procuram no elemento liquido — sob a fórma de astixia ou de bebedeira — um remedio para os seus males.

Pois foi, muito ao contrario, para

levar a lua de mel ao maximo da sua perfeição, que *mister* e *mistress* J. E. Williamson desceram ao fundo do mar das Caraibas, num quarto de aço com uma janela de cristal de rocha e ligado por um grande tubo metalico flexivel a um rebocador. E passaram aí sete meses — a tirar fotografias...

O telegrama não diz se, dois meses depois, nasceu algum tubarão... Mas acrescenta que o sr. Williamson, inventor deste *cottage* submarino, é, além de nadador e esposo feliz, um fotografo emerito.

O certo é que este casal de nadadores pretendeu rodear a sua intimidade conjugal, de solidão e de *paísagens* ineditas.

Igual ao abismo da sua paixão, só o do Oceano. Nunca um amor nautico e fotografico se elevava tão alto...

Decerto que os cetaceos, crustaceos e *tutti quanti* se queixaram da má visinhança... Mas, contra todas as previsões, não eram eles os mais perturbados...

E'ss, através dos vidros, eies foram alguma vez indiscretos para com o casal de nadadores — este fica ao menos com a certeza de que os visinhos nunca dirão nada a ninguém...

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

TOME SUNRIPE

Sortes grandest só o PINA as vende 78 - Rua de S. Paulo - 77



— Meu marido alem de bater-me trata-me como uma cadela e faz-me trabalhar como um cavalo!  
— Nesse caso, dirija-s' á Sociedade Protectora dos Animaes...



— Você confessa ter roubado ao quelxoso a gans molhos de palha. O que o levou a cometer esse roubo? Vá, diga.  
— A fome, simplesmente a fome...



# ECONOMIA SEMANA

CONSTA QUE A CAMARA VAI MONTAR AQUECIMENTO NAS RUAS FEITO POR FOGÕES CUJO MODELO ESTA A DIANTE

A SIBERIA EM LISBOA  
ALGUNS APARELHOS DE LAVAGEM JA HA UNS DIAS RETIRADOS DO USO.



A ESQUERDA VE-SE O MELHOR FOGÃO DE AQUECIMENTO ATÉ HOJE CONHECIDO - MODELO VACUUM - SUPERIOR AOS SISTEMAS ELECTRICOS E A PETROLEO

A PAR DESTA MODELO CONHECEMOS A SUA ANTÍTESE - É O CHAMADO FRIGORÍFICO - MAS USADO NO VERÃO

A RETIRADA DOS QUIOSQUES PARA O INCÓGNITO DE LISBOA  
JA SE NÃO PODE TER QUIOSQUE NA CIDADE OS SEUS DONOS FORAM OBRIGADOS A LEVAR NO QUIOSQUE TODO O MATERIAL

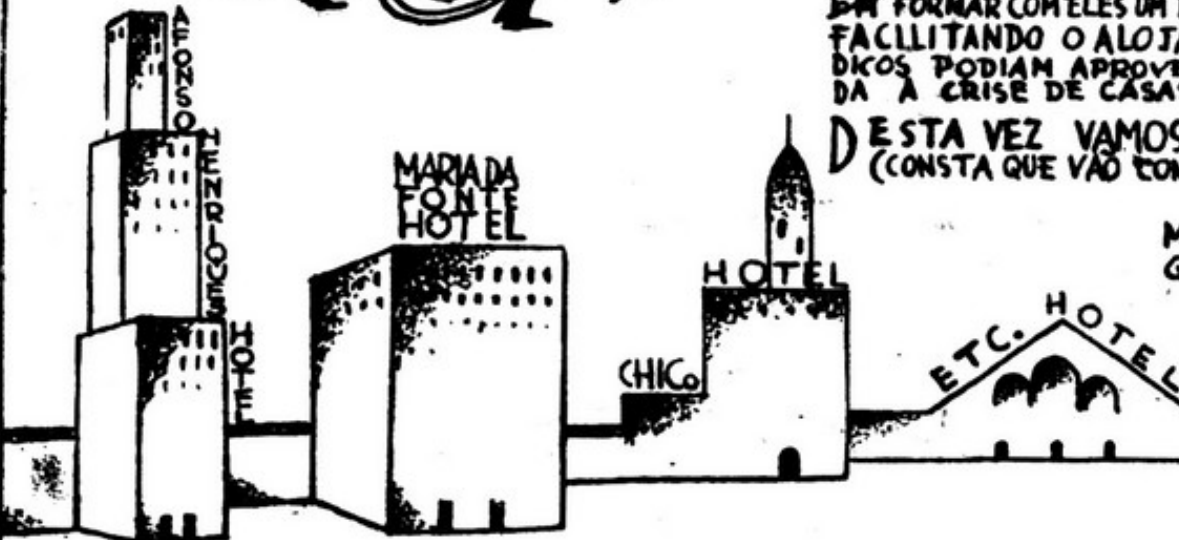


QUIOSQUES PARA PERNOITAR  
EDUARD VII PARK



A MELHOR UTILIZAÇÃO DOS QUIOSQUES CONSISTIA EM FORMAR COM ÊLES UM BARRIO DE HOTEIS PARA PERNOITAR (O MAXIMO 2 PESSOAS) FACILITANDO O ALOJAMENTO DOS TURISTAS DE SEVILHA - ALGUNS MEDICOS PODIAM APROVEITA-LOS PARA CONSULTORIOS AMBULANTES, DADA A CRISE DE CASAS

DESTA VEZ VAMOS TER HOTEIS EM BARRA (CONSTA QUE VÃO CONSTRUIR-SE HOTEIS PALHINHAS)



MIM VER TANTA HOTEL QUE NÃO SABER PARA ONDE MIM IR



= ACELEBRE AVENIDA DA INDIA =  
COMEGARAM COM GRANDE AFAN (GANISTAN) AS OBRAS PARA A ABERTURA E FECHADURA DESTA AVENIDA.



B O T E L